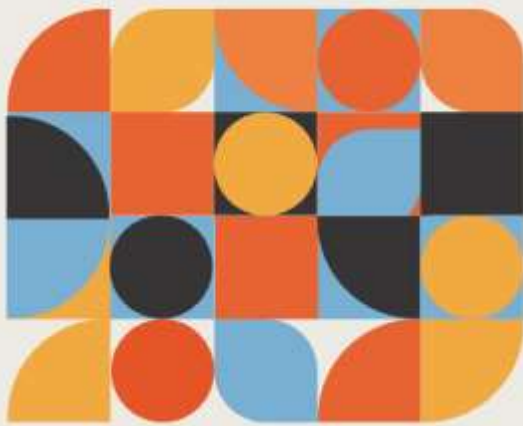




A RENDA DE BILROS DA PRAINHA-CE: PROCESSOS DE APRENDIZADO E ENSINO DAS RENDEIRAS

Medeiros Camelo, Priscila; M.e; Universidade de Fortaleza, priscilamedeirosc@unifor.br¹
Dias de Albuquerque, Flávia; Esp.; Universidade de Fortaleza, flavia.dias@unifor.br²
Jorge, Luciana; M.e; Universidade de Fortaleza, lucianajorge@unifor.br³

RESUMO

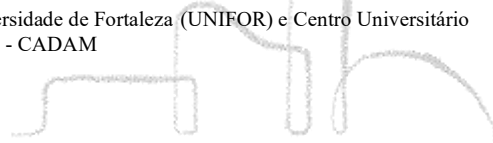
No cenário da Prainha, as rendeiras desempenham um papel essencial na preservação da Renda de Bilros, uma prática que remonta a séculos. Este estudo analisa as dinâmicas de aprendizagem e transmissão de conhecimentos entre as rendeiras da região, destacando como internalizam e perpetuam essa herança cultural. O objetivo é investigar como aprendem e ensinam essa técnica, contribuindo para a valorização da arte e o reconhecimento das rendeiras como guardiãs de uma tradição que interliga passado e futuro. A renda de bilros, conforme Isa Maia (1980), é feita com bilros sobre um papelão afixado em uma almofada cilíndrica. Segundo Silva e Perry (2018), os principais instrumentos são os bilros, a almofada, o molde e os alfinetes. A tradição da renda chegou ao Brasil com a colonização portuguesa, quando mulheres habilidosas trouxeram essa técnica. Fleury (2002) atribui ao ditado “onde há rede há renda” a disseminação da técnica em regiões fluviais.

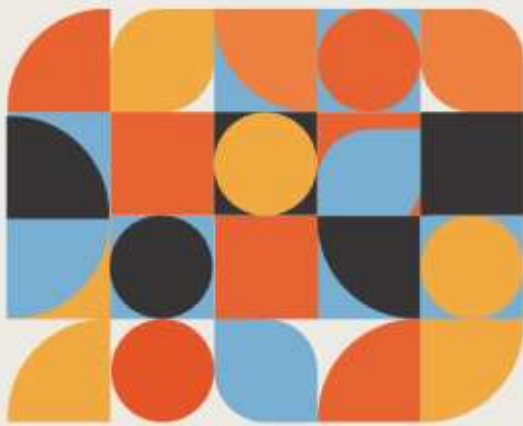
Prainha, localizada a 28 km de Fortaleza, tem sua economia baseada na pesca artesanal e no artesanato, especialmente a renda de bilros. Rêgo (2013) indica que essa prática cultural é mantida por gerações. A pesquisa combina métodos bibliográficos e de campo, com foco qualitativo. As entrevistas realizadas com 33 rendeiras do Centro das Rendeiras da Prainha Luíza Távora, revelam que elas aprenderam a técnica entre 6 e 12 anos, geralmente no ambiente familiar, sob a supervisão de mães e avós.

¹ Graduada em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Estratégia e Gestão Empresarial, mestre em Gestão de Negócios Turísticos e doutora em Ciências da Cultura. Além de ser professora e coordenadora da graduação na Universidade de Fortaleza (Unifor), membro do grupo de pesquisa CADAM (Unifor), participa do comitê gestor da Rede de Cidades Criativas do Design da Unesco e da Câmara Setorial da Moda.

² Graduada em Design de Moda (Bacharelado) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com pós graduação em Cultura de Moda e Mercado (Estácio). Pesquisadora em Design de Interação em Sistemas Aplicados à Moda, atua como Gerente de Projetos Audaces Ativa, Instrutora Especialista Audaces 360 e como professora dos cursos de Moda da Universidade de Fortaleza (Unifor).

³ Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza e professora dos Cursos de Moda e Design da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Centro Universitário Ateneu (UNIATENEU). Professora Orientadora do Grupo de pesquisa Cultura, Arte, Design, Artesanais e Moda - CADAM





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O ensino ocorre de maneira lúdica, com brincadeiras utilizando o coco, devido ao custo elevado da almofada. As aprendizagens iniciais eram vistas como atividades recreativas, não como uma fonte de renda. Segundo Brussi (2009), a transmissão do conhecimento se dá por observação e prática, e a oralidade é um fator chave na transmissão do saber-fazer. Muitas rendeiras mencionam o incentivo financeiro como motivação, ressaltando que as vendas de suas rendas ajudam nas despesas familiares.

Os aprendizes, ao se tornarem competentes, começaram a ver a renda como uma opção de sustentabilidade financeira, com os lucros inicialmente administrados pela mãe. A tradição se mantém entre gerações, e muitas rendeiras afirmam ter ensinado a prática a familiares, reforçando a conexão comunitária. No entanto, há um desinteresse crescente entre os jovens em aprender a técnica, com a internet e novas tecnologias sendo citadas como fatores que desmotivam a continuidade desse ofício.

As entrevistas indicam que, apesar da disposição das rendeiras em ensinar, a falta de interesse da nova geração é preocupante. Os fatores que desestimulam incluem a menor necessidade de geração de renda por parte dos jovens e o baixo retorno financeiro associado à prática da renda de bilros, o que leva muitos a optarem por outras profissões. Essa dinâmica sugere um risco à continuidade da tradição e à transmissão do saber-fazer associado à Renda de Bilros.

Palavras-chave: renda de bilro; Prainha; preservação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

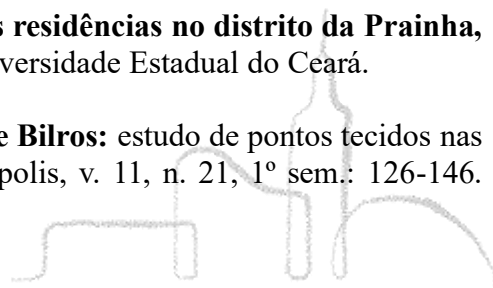
BRUSSI, Júlia Dias Escobar (2015). **Batendo bilros:** rendeiras e rendas em Canaan (Trairi – CE) (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília.

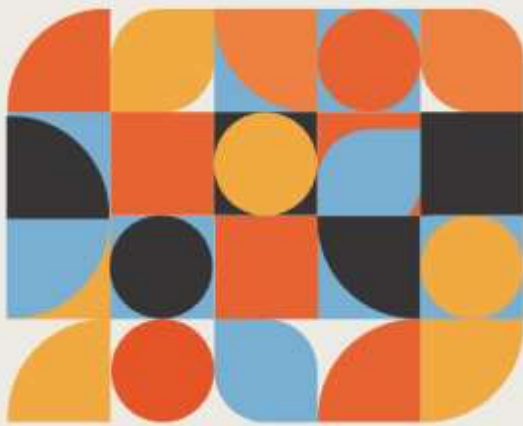
FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger (2002). **Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará:** a expressão artística de um povo. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult.

MAIA, Isa (1980). **O Artesanato da Renda no Brasil.** João Pessoa: Editora Universitária.

RÊGO, Rita de Cássia Ribeiro (2013). **Análise da evolução das segundas residências no distrito da Prainha, município de Aquiraz – Ceará** (Dissertação de Mestrado). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará.

SILVA, Vera Lucia Felippi, e PERRY, Gabriela Trindade (2018). **Renda de Bilros:** estudo de pontos tecidos nas regiões Nordeste e Sul do Brasil. In: ModaPalavra e-periódico, Florianópolis, v. 11, n. 21, 1º sem.: 126-146.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19^º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11^º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Internet. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/10352/7182>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

